



2937 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPED (2018)
GT 15/GT 20 - Educação Especial e Psicologia da Educação

TRABALHANDO COM O GÊNERO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA COM SURDOS: ANÁLISE DE TEXTUALIZAÇÕES E DE RETEXTUALIZAÇÕES

José Anchieta de Oliveira Bentes - UEPA - Universidade do Estado do Pará
Simone de Jesus da Fonseca Loureiro - UEPA - Universidade do Estado do Pará
Vania Maria Batista Ferreira - UEPA - Universidade do Estado do Pará

TRABALHANDO COM O GÊNERO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA COM SURDOS: ANÁLISE DE TEXTUALIZAÇÕES E DE RETEXTUALIZAÇÕES

RESUMO

Este artigo descreve e analisa a experiência dos autores com o romance Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes (1547-1616), publicado entre os anos de 1605 e 1615 na Espanha. A partir do corpus escrito feito por uma jovem participante do curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará, em Belém do Pará, no ano de 2017, é analisado os elementos de textualização e de retextualização da Língua Brasileira de sinais para a Língua Portuguesa escrita. Tal curso visava pesquisar a competência linguística e discursiva da pessoa surda, promovendo oportunidades de leitura em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e de produção escrita em Língua Portuguesa. Visava também tornar os alunos surdos proficientes leitores e produtores de textos escritos, razão de ser do bilinguismo para surdos. A metodologia da pesquisa fundamentou-se na análise linguística dos elementos de textualização e de retextualização da LIBRAS para a escrita em Língua Portuguesa, para chegar a uma análise discursiva.

Palavras-chave: Gênero romance; Textualização; Retextualização; Educação de surdos.

TRABALHANDO COM O GÊNERO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA COM SURDOS: ANÁLISE DE TEXTUALIZAÇÕES E DE RETEXTUALIZAÇÕES

RESUMO

Este artigo descreve e analisa a experiência dos autores com o romance Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes (1547-1616), publicado entre os anos de 1605 e 1615 na Espanha. A partir do corpus escrito feito por uma jovem participante do curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará, em Belém do Pará, no ano de 2017, é analisado os elementos de textualização e de retextualização da Língua Brasileira de sinais para a Língua Portuguesa escrita. Tal curso visava pesquisar a competência linguística e discursiva da pessoa surda, promovendo oportunidades de leitura em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e de produção escrita em Língua Portuguesa. Visava também tornar os alunos surdos proficientes leitores e produtores de textos escritos, razão de ser do bilinguismo para surdos. A metodologia da pesquisa fundamentou-se na análise linguística dos elementos de textualização e de retextualização da LIBRAS para a escrita em Língua Portuguesa, para chegar a uma análise discursiva.

Palavras-chave: Gênero romance; Textualização; Retextualização; Educação de surdos.

1 INTRODUÇÃO

O objeto deste artigo é a descrição e a análise das experiências com o uso de gêneros do discurso, particularmente, o gênero romance Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes (1547 -1616). A intenção primeira é de favorecer o acesso à leitura de um dos romances mais famosos e populares na atualidade, com mais de 400 anos desde sua primeira publicação nos anos de 1605 – publicação da primeira parte – e 1615 – publicação da segunda parte. Há exatamente 403 anos no ano de 2018.

Segundo Vieira; Thomaz (2017, p. 1) estima-se que o romance Dom Quixote de La Mancha “só esteja atrás da Bíblia no ranking dos best-sellers mundiais. Foi traduzido para mais de 50 línguas”, fortalecendo a iniciativa de trazer versões da obra para conhecimento de alunos surdos universitários.

O referido texto foi trabalhado em um curso realizado pelos autores deste artigo, nos dias 21 a 23 de junho de 2017, sempre das 9 às 11:30, no curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará, na cidade de Belém do Pará.

Este Centro, enquanto um dos responsáveis pela formação de leitores é um propiciador de situações para que os surdos tenham cada vez mais acesso, de forma criativa e inovadora, aos diversos gêneros que circulam em nossa sociedade.

O presente curso sobre a leitura e produção de gêneros do discurso se justifica devido a uma constatação: a escola por tratar de forma segmentada o conteúdo escolar de ensino de Língua Portuguesa constituindo-se um problema na escola e perda para o desenvolvimento acadêmico e intelectual dos alunos surdos. É preciso, por conseguinte, investir em propostas didáticas que revejam a segmentação e o curso pretende iniciar essa discussão.

Vamos relatar aqui, de forma sucinta, os resultados da pesquisa que desenvolvemos sobre o uso de gêneros do discurso no trabalho com surdos, no curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará, no ano de 2017. Para isso, utilizamos várias estratégias com o uso de diversas linguagens semióticas, dentre os quais, a apresentação de filmes, a apresentação de imagens em Data show para a leitura de textos visuais e escritos e a

produção de textos no computador – apresentação no PowerPoint e edição de texto no Microsoft Word –, sem contar com os diálogos e as dramatizações realizadas em sala de aula. O que vai ser apresentado são conclusões da análise das produções escritas dos surdos, o que pode ser reflexo da aprendizagem que já possuíam e da realizada no decorrer do curso.

Como dissemos, o curso foi proporcionado aos alunos surdos da rede pública e particular de ensino em língua Portuguesa a fim de: a) oportunizar a pesquisa referente a competência linguística da pessoa surda; e, b) atender à necessidade de interação, compreensão e produção de textos que levem em consideração a língua materna do surdo, a Língua Brasileira de Sinais.

O curso partiu do pressuposto de que para se trabalhar o texto escrito da Língua Portuguesa, deve-se anteriormente contextualizar esse texto, com imagens e com leitura visual destas em língua de sinais para depois apresentar o texto escrito, que deve também ser trabalhado, lido em Libras. Só então trabalha-se a produção escrita do surdo. A hipótese principal é que o texto produzido será resultante da transposição de conhecimentos da Libras e da Língua Portuguesa, mesclando estruturas das duas línguas, usando o vocabulário da Língua Portuguesa.

É nesta perspectiva que objetivamos descrever e analisar nossa experiência com a utilização do gênero do discurso Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes, na leitura e na produção de textos para atender à necessidade de interação e de compreensão de textos. A seguir apresentamos a fundamentação teórica que ajudou na interpretação das produções dos surdos, para em seguida apresentar o aporte metodológico para a realização da análise dos dados e a discussão dos resultados encontrados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabemos hoje que as práticas didático-pedagógicas de Língua Portuguesa precisam considerar a heterogeneidade de discursos existentes em nossa sociedade e levar em conta a necessidade de tornar nossos alunos proficientes leitores e produtores de textos, sem contar a necessidade de utilização pedagógica das várias linguagens, particularmente do impresso, do visual e da gestual na sala de aula.

Para Bakhtin (2016) os gêneros do discurso são um conjunto de textos ou de enunciados relativamente estáveis que constituem uma unidade entre conteúdo temático, estilo e recursos composicionais. Nos termos do autor: “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016. p. 12).

Esses enunciados são decorrentes das diversas atividades humanas e, decorrente disso, por serem sociais, organizam a existência humana. A atuação individual dos seres humanos é em grande parte influenciada por regras, rituais e relações de poder entre participantes da interlocução, que já estão colocadas na ocorrência dos gêneros. Parece, que este aspecto social da linguagem não é plenamente considerado na sala de aula: o que é concebido é uma concepção meramente comunicacional ou de aquisição individual de símbolos e informações, muitas sem sentido, pelos alunos na escola.

Em grande parte, sobretudo após os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o ensino Fundamental e Médio, os professores em grande parte utilizando os livros didáticos segundo os PCN, passaram a trazer o ensino a partir de gêneros do discurso ou gêneros textuais, conforme a nomenclatura utilizada. Dentre alguns gêneros que geralmente são trabalhados – ou deveriam ser trabalhados – na sala de aula, destacam-se a “matéria” – conteúdo colocado no quadro –, a “instrução” oral ou escrita, a “exposição oral”, com a explicação dos assuntos escritos no quadro, o “debate” de sala de aula, o “seminário”, o “fichamento”, o “ditado”, a “prova”, o “questionário”, os “diálogos de sala de aula”, a confecção de “cartazes”, o “filme”, a “lista de frequência”, os “rótulos de embalagens”, os “avisos” em murais, o “trabalho escolar”, os “comentários da professora” etc. Sendo que os livros didáticos trazem impressos em suas páginas inúmeros gêneros, sendo os mais comuns: “receita”, “poesia”, “fábulas” e “contos”. Predomina, no entanto, em sala de aula, o trabalho com apostilas e com os clássicos “tipos textuais”, a narração, a descrição e a dissertação.

Esses gêneros não devem ser confundidos com atividades realizadas, como a leitura em voz alta ou silenciosa, o trabalho de grupos, a apresentação dos grupos, os exercícios escolares, as perguntas de interpretação de textos, etc.

A intenção, ainda predominante, é usar o texto como pretexto para trabalhar gramática ou então com as já tradicionais perguntas de interpretação de texto, que exigem respostas que são retiradas literalmente do texto. Essa intenção se une com a de ensinar formas mínimas e estruturas dissociadas de qualquer contexto de circulação. Contra essa perspectiva é que se insere este trabalho que analisa a produção textual a partir do gênero romance, sua caracterização, compreensão e produção.

A redução do ensino de gêneros como se fosse mais um conteúdo a ser assimilado na escola, que se centra na caracterização da forma que apresentam e muito menos como pretexto para ensino de gramática normativa ou textual. Em oposição a essas interpretações, defendemos que o ensino dos gêneros na escola se dê a partir da discussão da autoria, dos interlocutores, do contexto, do tempo e lugar históricos em que ocorrem, o que implica a relação com outros enunciados, com outras vozes, tornando-os concretos, situacionais, únicos e não repetíveis como apregoa Bakhtin (2010), o que implica um contexto de produção, de circulação e de recepção, estabelecendo do aqui-agora dos sentidos, da situação, dos pontos de vista, das valorações, das tensões, contraposições.

Isso porque, a unidade fundamental da língua “não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 218-219).

Um outro conceito fundamental para a compreensão do que ocorre com a escrita do surdo e que vai ser útil neste trabalho são os elementos de textualização e o de retextualização.

A textualização é a materialização de informações em um texto. E um texto é uma construção de sentido, que pode ser compreendido por interlocutor. Usaremos o termo não com o sentido estabelecido por Koch (2006), que trata da coesão, da coerência, da situacionalidade, da informatividade, da intertextualidade da intencionalidade e da aceitabilidade. Trataremos, no lugar destes, os elementos apresentação de personagens, indicadores do gênero do discurso, valorações e presença de marcadores de tempo e espaço.

Nomearemos cada um desses elementos para nossa análise:

1. a) apresentação dos personagens – esperamos que na produção escrita surja a nomeação de Dom Quixote, de Sancho Pança, de Dulcinéia e de outros que participam da trama.
2. b) indicadores do gênero do discurso – esperamos que na produção escrita ocorra uma sequência de fatos interligados ao longo de certo tempo e lugar, característicos do enredo do romance Dom Quixote de La Mancha.

O enredo constituído a partir de imagens deve contar que o narrador da história que gostava tanto de ler novelas de cavalaria (imagem 1) passa a fazer parte de uma história. O personagem constrói sua própria armadura de cavaleiro (imagem 2), planejando salvar ou conquistar Dulcinéia (imagem 3) sua principal razão de iniciar uma série de façanhas.

Sua primeira façanha foi ao encontrar duas prostitutas (imagem 4) que foram transformadas em formosas donzelas (imagem 5). Sua decisão foi de receber o título de cavaleiro, o que acontece, uma vez que uma das prostitutas é transformada em rainha e faz a cerimônia com a espada de transformar dom Quixote em cavaleiro (imagem 6).

Sua segunda façanha ocorre quando encontra uma pessoa sendo chicoteada em uma árvore (imagem 7) o que o faz ordenar que o patrão que chicoteava parasse, provisoriamente, com a punição.

Sua terceira façanha é desafiar para uma luta pessoas que encontra no caminho (imagem 8), ocorrendo que seu cavalo de nome Rocinante tropeça

em uma pedra e os dois caem no chão (imagem 9). Em decorrência dessa queda, eles retornam para casa, onde Don Quixote é tratado por várias pessoas (imagem 10).

Passado alguns dias, convence seu amigo Sancho Pança (imagem 11) – diga-se de passagem com a promessa de dar-lhe uma ilha para governar – a ser seu fiel escudeiro em busca de novas façanhas (imagem 12).

Os dois, em nova façanha, encontram moinhos de vento (imagem 13) que são transformadas na cabeça de Dom Quixote em ameaçadores gigantes (imagem 14) aos quais Don Quixote enfrenta e, novamente, ocorre a queda do cavalo.

Na continuação da aventura, encontram no caminho dois frades (imagem 15) e uma charrete com uma senhora dentro. Os frades são interpretados como gente do mal. Na cena seguinte, ocorre uma nova batalha entre Don Quixote e um cavaleiro que aparece (imagem 16).

A última cena é de novo enfrentamento de Don Quixote, desta feita contra um rebanho de ovelhas (imagem 17) que é confundido como um exercito que enfrenta o herói. Após esse enfrentamento o herói volta para casa.

1. c) valorações – que são atribuições determinado juízo de valor, uma avaliação sobre algo ou alguém. Isso porque os enunciados estão sempre atravessados por juízos, atribuições de valor, de tons emotivo-volitivos (BAKHTIN, 2010). Esperamos que a participante emita algumas avaliações sobre os fatos acontecidos ou mesmo sobre personagens do romance.
2. d) presença de marcadores de tempo e espaço – esperamos que a participante apresente o momento e o lugar em que se passa a história.

Quanto ao segundo elemento, a retextualização: para Marcuschi (2001) é uma passagem ou transformação da fala para a escrita – ou vice-versa –, da fala para a fala (chamada neste caso de tradução) ou da escrita para a escrita.

Tais transformações são rotinas usuais na vida cotidiana. Quando contamos um filme ou o episódio de uma novela da tv, estamos de certa forma resumindo o que achamos importante ou relevante no que assistimos. Da mesma forma, ao escrever este trabalho ocorre a elaboração e reelaboração, as reescritas e revisões no texto escrito, a feitura do resumo e a retomada nas conclusões, que também, podemos considerar como retextualizações.

Com base em Marcuschi, 2001, faremos a distinção de transcrição, cópia, retextualização, tradução e paráfrase. A transcrição é a passagem de uma "realização sonora para uma forma gráfica, usando convenções" (MARCUSCHI, 2001, p. 49), com o mínimo de interferências na linguagem e no conteúdo do discurso. Implica correspondências letra - som, simbolizações para o tom, para silabações, repetições, hesitações, comentários circunstanciais etc.

A cópia é a passagem fidedigna de um texto escrito para outro exatamente igual.

A retextualização é a adaptação, com interferências e mudanças do retextualizador, introduzindo elementos e eliminando outros. O quadro 1, a seguir, sumariza as possibilidades de ocorrer retextualização entre as diversas modalidades da língua portuguesa – oral ou escrita – ou entre línguas.

Quadro 1: formas de textualização

Fala → Fala	Conferência oral → tradução simultânea;
	Ver / ouvir tv/rádio → contar o fato, a novela, o filme;
	Fofoca contada → repassar a outras pessoas.
Escrita → Escrita	Texto escrito → resumo escrito.
Fala → Escrita	Entrevista oral → entrevista escrita;
	O chefe dita → a secretária redige a carta;
	Fala dos participantes → elaboração da ata;
Escrita → Fala	Professor fala → aluno anota
	Texto escrito → exposição oral.
	Texto da Lei → discussão na tv e rádio.

Fonte: elaboração dos autores

A tradução é uma espécie de retextualização entre uma língua e outra. Pode ser simultânea entre duas línguas diferentes – da fala para fala ou da escrita para a escrita, ocorrências muito usais no trabalho de jornalistas que se empenham de transcrever entrevistas ou no trabalho de pesquisa acadêmica quando da ocorrência de pesquisas de campo, com corpos de falas.

Por último, a paráfrase é uma recriação de um texto, mantendo algo que lembre o texto origem, o formato, por exemplo.

O fato é que a retextualização “são rotinas usuais altamente não-problemáticas, já que lidamos com ela o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registro, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos” (MARCUSCHI, 2001, p. 48). O autor analisa as relações entre oralidade e escrita, bem como trata de atividades de retextualização, fazendo a distinção entre esta e transcrição e, também, as demais atividades relacionadas a esse processo.

2 O APORTE METODOLÓGICO

Paulo Freire, um dos maiores educadores que o Brasil e o mundo já conheceram, imortalizou-se pela sua concepção de educação que parte da realidade, da vida, do universo linguístico e discursivo do educando. Sua afirmação mais conhecida é “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1987, p. 11). O que implica que, a compreensão do mundo, da realidade, que ocorre por meio da interação oral, o que ele chama de leitura do mundo, é fundamental para a compreensão da palavra escrita.

É uma afirmação imprescindível para nós educadores. Podemos aprofundá-la dizendo que não se lê palavras soltas “descoladas” do mundo, e, portanto, as palavras só têm vida se estão em um gênero do discurso, com interlocutores e em um lugar e em um tempo histórico.

Perceber a indissociabilidade entre leitura do mundo e leitura da palavra escrita é um fundamento de uma proposta freireana de educação. Outros fundamentos poderiam ser, a percepção da aula como um momento de interação social, de troca de saberes e de transformações de realidades injustas – espaço de resistência contra relações autoritárias e discriminatórias.

Para implementar um ensino-aprendizagem que seja crítico, prazeroso, ligado à realidade e que sirva para transformar situações é que resolvemos desenvolver no curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará a respeito de alguns gêneros do discurso.

O curso trabalhou o romance Dom Quixote de La Mancha de Miguel de Cervantes, de 21 a 23 de junho de 2017, de quarta a sexta-feira, também com carga horária de 6 horas. A obra estudada para o curso foi a adaptação de Origenes Lessa (CERVANTES, 2004). A obra efetivamente trabalhada em sala foi [Dom Quixote em quadrinhos](#) (GALHARDO, 2005).

O curso sobre gêneros do discurso foi desenvolvido para alunos surdos, jovens e adultos matriculados no primeiro ano do Curso de Letras-Libras, da Universidade do Estado do Pará, perfazendo um total de dezoito participantes no estudo do romance “Dom Quixote de La Mancha”.

Os recursos de linguagens utilizados nos cursos foram o data show para apresentação das imagens que seriam lidas em Língua de Sinais e para exibição do filme [Don Quixote](#), filme de 1992, direção de Orson Welles e Jesus Franco; e o computador para a produção escrita no programa Microsoft Word.

O quadro abaixo resume as sequências de atividades que foram trabalhadas no curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará:

Quadro 2: o romance Dom Quixote de La Mancha

Data	Sequências didáticas
21 de junho/2017	1) Exibição do filme Don Quixote, filme de 1992, direção de Orson Welles e Jesus Franco. 2) Comentários em língua de sinais sobre o filme.
22 de junho/2017	1) Apresentação (em data show) de slides sobre o quarto centenário de Dom Quixote de La Mancha. 2) Cronologia de Miguel de Cervantes (1547 -1616) (em data show). 3) Apresentação de gravuras no data show de “Dom Quixote em quadrinhos” de Caco Galhardo (Fundação Peiropolis, 2005); leitura em língua de sinais (LIBRAS).
23 de junho/2017	1) Apresentação de gravuras no data show (continuação / reprise). 2) Produção escrita a partir das gravuras. 3) Avaliação do curso.

Fonte: elaboração dos autores, 2018.

O corpus aqui constituído é de apenas da produção escrita da aluna Marta, produzido no dia 23 de junho de 2017.

3 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Os dados resultantes dos dois cursos realizados propiciam uma variedade de análise, dentre as quais: 1) a análise linguística da escrita do surdo (ortografia, presença ou não de elementos de ligação, flexão, organização sintática e elementos coesivos); 2) a análise textual (a capacidade de interpretações do texto, a organização textual, a presença de estruturas canônicas dos diversos gêneros do discurso, a seleção semântica de conectivos, estilo do texto e coerência global); 3) análise discursiva – presença de elementos contextuais, previsão de referências pessoais, temporais e espaciais.

É claro que as possibilidades de análise se complementam e se interpenetram, sendo que a análise discursiva é mais ampla.

No caso do curso de gêneros do discurso para surdos, a principal atividade ocorrida foram de textualização e de retextualização, ou seja, a passagem da leitura em Língua de Sinais – fala em Libras – para a posterior escrita em Língua Portuguesa. Nessa passagem, influi o conhecimento de Língua de Sinais para expressar a compreensão das imagens e o conhecimento de vocabulário / gramatical da Língua Portuguesa, para ocorrer a escrita de um texto nessa língua. O resultado vai ser a transposição e interferência de duas línguas, configurando uma mistura destas, o que justifica a maneira de escrever das pessoas surdas.

O processo de produção escrita da aluna Marta inicia desde do assistir ao filme Don Quixote, filme de 1992, direção de Orson Welles e Jesus Franco, com legenda em Português; o segundo procedimento foi assistir à exposição do professor por meio de slides de algumas principais imagens da história do livro. Após a discussão sobre o enredo narrativa foi solicitado à aluna que escrevesse em uma folha avulsa de papel a história de Dom Quixote, tendo as imagens como suporte.

A escrita da aluna Marta (nome fictício), de 18 anos, do primeiro ano do curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará, é a seguinte:

Produção escrita de Marta (nome fictício), 18 anos.

- (1) O homem é muito livro ler estudar só sempre casa.
- (3) A mulher é muito passear metida bela.
- (4) O homem com cavalo andar ele sonha louco.
- (5) A mulher dois com puta trocar orgulha.
- (6) Dom sonha louco ela puta mentira. rainha don fala despreza família.
- (10) O casa família menina irmão Don ela fala porque muito cansado trabalho.
- (11) Com encontra amigo é conversa onde ilha.
- (13) Muito ilha don sonho troca ver pessoa.
- (14) O homem alto ver pequeno (Marta, texto produzido em 23 de junho de 2017).

Começamos com algumas constatações:

1. a) A aluna Marta tem conhecimentos sobre o vocabulário e sintaxe da língua portuguesa. Ela constrói frases soltas, indicando provavelmente, como foi seu ensino fundamental e médio.
2. b) É bem provável que a aluna tenha compreendido que é para dizer algo sobre as imagens e não necessariamente para contar uma história a partir das imagens, relacionando estas imagens e o seu texto com o filme visto, na parte da atividade que antecedeu sua produção escrita.
3. c) A aluna consegue referir alguns personagens da história: aparecem dom Quixote, uma puta, um homem alto. Uma mulher bela. Isso indica alguma aproximação com a história.

Observamos que as frases de Marta são bastante literais, tentando reproduzir fielmente a imagem vista, indicando que ainda não possui um conhecimento sobre narrativa, que remeta a criar conexão na história, a compor um enredo.

Os fatos postos são:

Um homem lê um livro. Uma mulher bela passeia. Um homem anda de cavalo. Há uma mulher puta. Uma mulher fala a dom Quixote que está muito cansada. Alguém encontra um amigo na ilha. Na ilha dom Quixote sonha. Um homem alto vê um pequeno.

Por essas razões postas não compõe um texto narrativo. É possível que a surda saiba narrar um acontecimento do seu cotidiano, no entanto, não consegue fazer isso a partir das imagens, mesmo depois de ter visto um filme ou de ter compreendido parte da história. A hipótese que temos é que seus conhecimentos linguísticos da língua portuguesa são insuficientes para escrever uma história.

Trabalhamos a partir dos seguintes elementos de textualização e retextualização, mostrados no quadro 3, que resumizamos a seguir:

Quadro 3: elementos de textualização e retextualização

Elementos	Ocorrência no texto. Exemplos
Personagens	O homem, a mulher, o homem com cavalo, Dom, puta, rainha, menina irmã, amigo, homem alto, homem pequeno.
Gênero do discurso	Os fatos estão "soltos" (fragmentados) sem conexão em formato de uma lista conforme a numeração das imagens. Criou uma modelização para a sua estrutura narrativa na escrita
Valorações	"é muito"; "Mulher... metida bela"; "homem sonha louco"; "Mulher... orgulha"; "Ela puta mentira"; "Dom... despreza" "muito cansado trabalho"; "Homem alto"
Tempo e espaço	"Onde ilha, muito ilhas" são os únicos lugares que aparecem. Não há marcas de tempo, de sequência de acontecimentos. Os verbos estão todos no presente ou no infinitivo: é, ler, estudar, é, passear, andar, trocar, despreza, fala, está, troca, ver
Transposição Libras-LP	Estrutura da LS: "O homem é muito livro ler"; "A mulher é muito passear"; "A mulher dois com puta".

Fonte: elaboração dos autores

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perspectivas de análise dos elementos de textualizações e de retextualização, ou seja, de adaptação ou transformação de uma modalidade a outra – ou para a mesma modalidade da língua –, demonstrou ser produtiva. Tratou-se de uma metodologia que partiu da Língua de sinais, da fala, para chegar à Língua Portuguesa escrita. De fato, o trabalho com imagens nos dois cursos utilizou da Língua de Sinais, depois da textualização e da retextualização para a Língua Portuguesa. Nesse entremeio ocorreu a intervenção de ensino das formas escritas, para que fossem apreendidas; posteriormente, ocorreu oportunidades de leitura e produção escrita pelos alunos. Tais atividades parecem ser o caminho para um ensino de Língua Portuguesa que considere a língua em uso e a reflexão a seu respeito.

Em outros termos, os encaminhamentos didáticos partem de textos, no caso romance Dom Quixote, que tem uso social fora da escola – e não simplesmente de letras, palavras e frases soltas, sem contextos situacionais; parte de imagens, reproduzindo situações expressas (que foram criadas a partir de uma interpretação do texto escrito, pelo autor das gravuras) e, estas gravuras podem ser lidas conforme a compreensão do leitor surdo, podendo ainda, conforme a habilidade do aluno, ocorrer tentativas de oralização, a depender de como se procedeu sua escolarização; chega na produção escrita, que como vimos, apresenta transposição de duas línguas, refletindo os conhecimentos que possuem, tanto da escrita do português, aplicando formulas da estrutura da Língua de Sinais. Isso, como afirmamos, justifica o estilo de escrita dos surdos, que comumente é reconhecido como característica da surdez.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores. 2010. p. 41-144.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CERVANTES, M. de. **Dom Quixote**. Adaptação de Orígenes Lessa, Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo, Ed. Cortez, 1987.

GALHARDO, C. **Dom Quixote em quadrinhos**. Fundação Peiropolis, 2005.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização, 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VIEIRA, E.; THOMAZ, V. 9 fatos surpreendentes sobre Dom Quixote de La Mancha. In: **Revista Superinteressante**. Grupo Abril. 2017. Disponível em <<https://super.abril.com.br/cultura/9-fatos-surpreendentes-sobre-dom-quixote-de-la-mancha/>>. Acesso em 16 mai. 2018.

WELLES O.; REIGUERA, F. **Don Quixote** (DVD), Continental Home Vid, 1992.